

ENTREVISTA



Elisa Tiemi Sant'ana Takahashi

“Estudar é um hábito que eu obtive aqui no Etapa e é para o resto da vida.”

Elisa Tiemi Sant'ana Takahashi formou-se no Etapa e cursou Engenharia de Produção na Poli. Durante o curso, ficou três anos na França, no programa de intercâmbio da faculdade. Como disse, adquiriu aqui o hábito de estudar todos os dias e pretende continuar sua formação com uma pós-graduação: “Eu me sinto muito grata ao Etapa por ter me habituado ao estudo. O Etapa ensina você a ter esse hábito, o que me ajudou muito na faculdade”.

JC – Quando você começou a pensar em Engenharia?

Elisa – Na 8ª série. Na época eu pensava em Engenharia, mas também pensava em Administração, Economia, Ciências Atuariais, até em Relações Internacionais. No Ensino Médio eu pesquisei, tinha uns fóruns de profissões aqui no Etapa, conversei com profissionais das áreas. Acabei achando que Engenharia de Produção seria uma carreira adequada, por ser de Exatas e ter também uma conotação de Humanas.

A decisão final por Engenharia de Produção se deu quando?

Foi aqui, no 2º ano do Ensino Médio.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei Unicamp, Unesp e UFSCar. Fui aprovada em todos.

Sempre Engenharia de Produção?

Na Unicamp não tinha Engenharia de Produção. Lembro que era Engenharia Mecânica.

Você entrou no Etapa em que ano?

Em 2004, no 1º ano do Ensino Médio. Sempre ouvi falar muito bem do Etapa e achei que precisava de um colégio que me instigasse mais a estudar.

Você se adaptou bem no colégio?

Sem problemas. O colégio casou bem com o que eu esperava.

Você participava de atividades extracurriculares?

No Etapa eu participei de alguns treinamentos para olimpíadas.

Uma vez que você se definiu por Engenharia de Produção, mudou alguma coisa em seu estudo?

No 3º ano a coisa se intensificou. Mantive sempre o hábito de estudar. O que mudou mais no 3º ano é que, além de estudar para as provas, tentei zerar os exercícios da apostila. Independente de ter prova ou não. Foi puxado, me dediquei muito.

Aprovada em todos os vestibulares que prestou, você escolheu estudar na Poli. A adaptação também foi fácil?

Acho que sim. A maior dificuldade que os alunos, em geral, têm na Poli é justamente a questão do hábito de estudo. Na Poli, com exceção de algumas matérias, não dá para estudar na última hora. Eu me sinto muito grata ao Etapa por ter me habituado ao estudo. Antes eu estudava, mas não era um estudo organizado. O Etapa ensina você a ter esse hábito, o que me ajudou muito na faculdade.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia de Produção

1

CONTO

A melhor vingança – Artur Azevedo

4

ENTRE PARÊNTESES

Moedas

4

ARTIGO

Grupo estuda papel do sistema endocanabinoide na doença de Parkinson

5

PARA PENSAR

Divórcio

6

POIS É, POESIA

Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)

7

ESPECIAL

Novidades no vestibular Unicamp 2015

8

Como um bom hábito de estudo ajudou na Poli?

Você prestava a Poli e, no final do 1º ano, escolhia uma Grande Área. Produção era na Grande Área Mecânica. A nota do vestibular contava 50% para a escolha da Grande Área. No fim do 2º ano, escolhia um curso nessa Grande Área. Contava a média das notas do 1º e do 2º ano. Então, tinha de estudar. O hábito de estudar todo dia me ajudou bastante a ir para Produção, que era o curso mais concorrido.

O que você teve de matérias em cada ano na Poli?

No 1º e no 2º ano, o chamado Biênio, eram matérias mais básicas. Tivemos Química, Ciência dos Materiais, as quatro Físicas, uma por semestre, tivemos quatro Cálculos, um por semestre também. Foram duas Álgebras Lineares no 1º ano, Mecânica A e Mecânica B – Mecânica A durante o 1º ano, Mecânica B no 2º ano, na Grande Área, em que a gente se aprofunda um pouco mais, com Introdução à Engenharia, Cálculo Numérico e Programação. A partir do 3º ano começaram matérias mais específicas da Produção, com algumas matérias básicas ainda, como Termodinâmica. Mas aí já passamos a ter Estatística, Programação e Controle da Produção, Logística, Finanças e Engenharia Econômica. No 3º e no 4º ano eram essas matérias, mais de Engenharia de Produção. Tivemos Administração, Organização do Trabalho e Economia. Na metade do 4º ano, eu fui para a França.

Foi intercâmbio? Essa ideia surgiu na Poli ou você já sabia dessa possibilidade?

Eu sabia que existiam parcerias da faculdade com universidades estrangeiras. E sempre senti muita vontade de ter experiências fora. Na Poli, descobri a parceria entre a faculdade e a *École Nationale des Ponts et Chaussées* (ENPC), também conhecida como *École des Ponts Paristech*, onde estudei. Eles dizem que é a mais antiga escola de Engenharia do mundo, fundada em 1747, se não me engano.

Como foi esse período de estudos na França?

Eu estava no departamento de Engenharia Industrial, como eles falam, que aqui é Produção. Lá, independente do curso, tem algumas matérias obrigatórias e alguns créditos que você tem de usar para fazer opcionais. E você pode fazer em qualquer departamento. Isso é muito rico. Acabei escolhendo matérias um pouco mais na área de finanças. Fiz Macroeconomia, que eu não tinha na Poli. Fiz Sociologia. Vi matéria sobre transportes e sobre recursos hídricos.

Você ficou quanto tempo na França?

Três anos.

O que você fez durante o intercâmbio?

Na França, o primeiro ano foi de estudo. No segundo ano inteiro fiz estágio em uma empresa, a Saint-Gobain. Fiquei na área de logística, mais especificamente na parte da produção, planejamento detalhado, que era monitorar os níveis de estoque e estabelecer qual seria o plano de produção. Logística é uma vertente muito importante na Engenharia de Produção. Além dessa parte mais operacional tinha tam-

bém um projeto em paralelo, que era trazer a gestão da produção para o SAP, um sistema de gestão integrada.

Primeiro ano de estudos, segundo ano no estágio. E no terceiro ano?

No terceiro ano na França, metade eu fiz de aula e na outra metade fiz outro estágio. Fiquei seis meses na sede da Louis Vuitton, em Paris. Também na parte de logística. Fazia o planejamento de compras de matérias-primas e componentes para as bolsas. Foi com base nesse estágio que fiz meu TCC na França, que eu precisava para ter o diploma. Depois, desenvolvi um pouco mais esse trabalho e me formei na Poli. Usei o mesmo tema e a mesma experiência.

Qual foi o tema do seu TCC?

A análise da confiabilidade desses planos de compra.

Quanto valeu esses três anos na França, em termos de crédito para a Poli?

Dois anos fora compensam um ano na Poli. Em vez de cinco, você se forma em seis anos. Mas, no caso da minha escola, tinha a possibilidade de fazer, além dos dois anos, mais um ano de estágio. Esse ano não compensava na Poli.

Então, você ficou sete anos na graduação?

Foram sete anos.

Quando você voltou para cá?

Em agosto do ano passado.

O que faltava fazer na Poli?

Tinha o TCC, que na Produção é algo muito grande, eles deixam muitos créditos dedicados ao TCC. E faltavam algumas matérias: Introdução ao Direito, Gestão Estratégica da Produção, Problemas Complexos do Brasil.

Já de volta à Poli, qual era sua maior preocupação?

No primeiro momento, fazer o TCC, que é levado muito a sério. É individual, essa era minha principal preocupação. A segunda preocupação era o que eu faria depois da Poli. Desde a viagem eu já tinha me inteirado em relação aos processos de *trainee*. Comecei a me inscrever na França e quando voltei continuei me inscrevendo nos processos.

Qual foi o resultado dessa procura?

O Itaú contratou uma agência de comportamento de jovens, que se chama Box 1824, que faz estudos sobre jovens com idade entre 18 e 24 anos. A ideia deles é buscar recém-formados que não se inscreveram em programas tradicionais de *trainee*, mas que tenham um perfil interessante. Um amigo me indicou para a Box, ela se interessou por meu perfil e me indicou para o Itaú.

No Itaú, por quais etapas você passou para entrar no programa de *trainee*?

No Itaú foram duas entrevistas, uma com o superintendente da vice-presidência da área e duas pessoas do RH. A segunda entrevista foi com mais pessoas, tinha diretor de RH, superintendente de RH, tinha um diretor da área, e o vice-presidente da área.

Quando você foi admitida?

Eu comecei a trabalhar no dia 6 de janeiro deste ano. No primeiro mês, o programa tem um treinamento bastante intensivo de diversas matérias importantes para todo mundo que trabalha em banco – noções de Matemática Financeira, leitura de demonstrações financeiras, Contabilidade, Macroeconomia. Depois são seis meses em que a gente passa por diversas áreas da vice-presidência, mais ou menos duas semanas por área. No final, em grupo, a gente entrega um projetinho, para ser apresentado.

Você está em que área do banco?

A vice-presidência em que estou atuando é nova, chama-se ACIVS (Área de Cartões, Crédito Imobiliário, Veículos e Seguros). O processo não foi finalizado ainda, faltam a parte de planejamento financeiro e a parte de *cases*. Agora em agosto a gente inicia a parte específica do programa de *trainee*. A ideia, de certa forma, é casar um pouco os interesses do *trainee* com os interesses do banco.

Depois de deixar de ser *trainee*, você pode optar por seguir na área em que está ou ir para outra área?

A ideia é, uma vez encerrado o programa de *trainee*, que você continue na sua área. Aí você muda de *status*. Uma vez que acaba o programa, dependendo do seu rendimento, você pode virar analista pleno ou sênior. A maioria acaba virando analista pleno, o que, no Itaú, é uma posição que exige bastante conhecimento.

Com relação ao mercado de trabalho, como está Engenharia de Produção?

Eu lembro que, na época em que comecei na Poli, Produção estava no auge. Hoje em dia, que não está tão fácil achar um bom emprego, pessoas com boa formação sempre vão ter lugar. Uma coisa que acaba pesando muito é a faculdade que você fez. Experiência internacional é importante, principalmente para aqueles que precisam trabalhar em empresas multinacionais. Idiomas e experiência profissional contam muito. Pessoas com um bom currículo conseguem se encaixar no mercado. Não é só porque você fez uma boa faculdade que vai ser fácil. Mas já tem meio caminho andado.

O que você acha que diferencia uma pessoa na hora de conseguir um emprego? No seu caso foi realmente a experiência internacional?

Uma coisa que eu achei que contribuiu muito foi a Iniciação Científica que fiz na Poli. O assunto era Física para engenheiros. Era o uso de experimentos nas matérias de Física para Engenharia. No final, consegui publicar um artigo que apresentei num congresso em Seul, na Coreia do Sul. Foi minha primeira experiência internacional. Fui sozinha.

Quando você fez a Iniciação Científica?

Ela durou entre 2008 e 2009.

Do 2º para o 3º ano?

Exatamente. Em 2009 fui para a Coreia apresentar o trabalho, que acabou abrindo portas. Esses diferenciais contam.

Quais são seus planos para este ano?

Começar agora na minha área específica no banco, tentar aprender o máximo que puder e desenvolver algumas competências que ainda não tenho, mas que são essenciais para aqueles que querem fazer gestão de pessoas. E tentar fazer o melhor que eu conseguir. Uma vez acabado o programa de *trainee*, provavelmente continuar na área e tentar subir a escadinha no banco. Quem sabe conseguir uma gestão de pessoas, que é o que eu desejo. Fora isso, não deixar de lado os estudos. Estou tentando ver, talvez para o ano que vem, uma pós-graduação em finanças, para conhecer bem a atividade do banco. E talvez, depois de uns dois, três anos de experiência profissional, me candidatar a um MBA. Estudar é um hábito que eu obtive aqui no Etapa e é para o resto da vida.

Como o Etapa foi importante no seu dia a dia?

No Etapa eu conheci pessoas brilhantes e isso motiva a gente a querer melhorar. Sempre fui rodeada de pessoas extremamente inteligentes e muito humildes, que ensinavam caso a gente tivesse dúvidas. Eu ganhei a disciplina de estudar e a humildade de dizer: “não estou sabendo disso aqui, preciso aprender”.

Que recordações você tem do Colégio?

Tenho recordações muito boas. Conheci pessoas legais, com as quais mantenho contato até hoje. Tinha algumas atividades culturais a que eu ia bastante, e as gincanas. Lembro também de momentos que me exigiam bastante em termos de estudos. Tenho boas recordações. Adquiri aqui hábitos valiosíssimos.

O que você pode dizer a quem vai prestar Engenharia?

Acho que é uma profissão extremamente completa. A grande contribuição do curso de Engenharia é ensinar você a aprender coisas. É bem isso, aprender a aprender. A Engenharia ensina você a buscar, a se virar, a ir atrás de pessoas para te ensinar, a pesquisar.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Como recado final, quero sugerir que se dediquem muito nesta etapa. Pode ser difícil de vez em quando, mas vocês vão olhar para trás e ver que todo esforço vale a pena, que é um aprendizado que vai ajudar não só na faculdade mas também em diversas fases da vida. É claro que é importante cada um ter suas preferências, estar sempre aberto e fazer com gosto o que vier. É o que faz um profissional ser desejado no mercado.